



A DIMENSÃO EPISTEMOLÓGICA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E SEU IMPACTO SOBRE O ENSINO EM ARQUIVOLOGIA E BIBLIOTECONOMIA¹

Tom Wilson
Professor Emeritus
University of Sheffield
England

RESUMO

Epistemologia é o estudo da possibilidade e natureza do conhecimento humano e, como agências que se ocupam dos registros desse conhecimento, agora em meios eletrônicos e impressos, parece razoável explorar a epistemologia do trabalho e do ensino em Informação e em Biblioteconomia para as profissões da informação. É claro que qualquer que seja nossa compreensão sobre o modo com que o conhecimento é construído nos seres humanos, os registros desse conhecimento têm alguma existência “real”. Conhecimento, isto é, aquilo que está no aparato intelectual do indivíduo (ou “entre duas orelhas”, como Drucker menciona), pode ser socialmente construído, mas o que pode ser registrado desse conhecimento, isto é, aquilo que de outro modo chamamos de “informação”, toma uma forma “real”. A forma “real” pode ser difícil de ser vista, como no caso dos símbolos cortados a laser em um CD-ROM, ou os *bits* gravados em um disco rígido, mas ali estão. Este trabalho considerará as conseqüências de uma epistemologia realista para a Biblioteconomia e Arquivologia e para o ensino nesses campos.

Palavras-Chave: Epistemologia; Conceitos; Ciência da Informação; Formação em Biblioteconomia; Formação em Arquivologia.

A relação recíproca da epistemologia e da ciência é de um tipo notável. São dependentes uma da outra. A epistemologia sem contato com a ciência se torna um plano vazio. A ciência sem epistemologia é – até o ponto em que se pode pensar - primitiva e confusa. Entretanto, quando o epistemologista, na busca de um sistema claro, esforça-se na compreensão desse sistema, imediatamente torna-se inclinado a interpretar o conteúdo de pensamento da ciência no sentido de seu sistema e rejeitar qualquer que não se encaixe em seu sistema. O cientista, contudo, não tem meios para manter-se na busca de uma sistemática epistemológica até tal ponto. Ele aceita com gratidão a análise conceitual epistemológica; mas as condições externas, que lhe são apresentadas pelos fatos da experiência, não lhe permitem estar demasiadamente restrito na construção de seu mundo conceitual pela aderência a um sistema epistemológico. Ele, portanto, deve aparecer ao epistemologista sistemático como um tipo de oportunista inescrupuloso: ele surge como realista à medida que procura descrever um mundo independente dos atos da percepção; como um idealista à medida que analisa os conceitos e teorias como invenções livres do espírito humano (não logicamente provenientes do que é empiricamente dado); como positivista à medida que considera seus conceitos e teorias justificados somente até o ponto em que elaboram uma representação lógica das relações entre as experiências sensoriais. Pode ainda manifestar-se como Platonista ou Pitagoreano à medida que considera o ponto de vista da simplicidade lógica como uma ferramenta indispensável e eficaz para sua pesquisa.

Albert Einstein, in Schlipp (1949)

INTRODUÇÃO

Ao menos os dicionários estão mais ou menos em concordância sobre o significado de ‘epistemologia’ e seus derivados:

- A teoria ou ciência do método ou dos fundamentos do conhecimento (OXFORD ENGLISH DICTIONARY ONLINE).
- A teoria filosófica do conhecimento (CHAMBERS 21st CENTURY DICTIONARY).
- O ramo da filosofia que estuda a natureza do conhecimento, em especial, seus fundamentos, âmbito e validade (ENCARTA DICTIONARY ONLINE).
- Epistemologia, das palavras gregas episteme (conhecimento) e logos (palavra/discurso), é o ramo da filosofia que trata da natureza, origem e âmbito do conhecimento (WIKIPEDIA ONLINE).

Se colocarmos “definir epistemologia” no Google, obteremos muitas outras definições. É possível perceber que há certo conflito nessas definições: três delas definem epistemologia como uma iniciativa filosófica, enquanto que o OED usa os termos “teoria” e “ciência” – poderia realmente haver um conflito sobre a natureza da iniciativa? A definição do OED claramente apresenta a idéia que o conhecimento é descoberto através de algum tipo de processo científico, através da aplicação da teoria. As definições filosóficas são menos claras e vale notar que o grego original parece não significar nada além de “falar sobre o conhecimento” – ou talvez, “discutir a natureza do conhecimento” Uma escola parece propor que a natureza do “conhecimento” é cientificamente possível de descobrir, enquanto que a outra propõe que a natureza do “conhecimento” é incerta e, conseqüentemente, discutível.

Na verdade, a situação é um pouco mais complicada. A Wikipedia (em um artigo que parece ser razoavelmente fidedigno) propõe três escolas do pensamento: empirismo, racionalismo e construtivismo. O “empirismo” tem a posição que, em geral, o “conhecimento” é baseado em nossa experiência de mundo e, principalmente, a experiência obtida através de experimentos planejados e outros modos científicos de procura da compreensão do mundo. Em pesquisa, normalmente nos referimos à existência de dados “empíricos”, por exemplo.

O “racionalismo” sustenta que o conhecimento é obtido através de processos mentais teóricos: segundo Kant, por exemplo, esses processos faziam parte de nossas estruturas mentais. Difere do empirismo em que os critérios que usamos para determinar a verdade de uma afirmação de conhecimento são

intelectuais e dedutivos, de acordo com esses processos mentais, enquanto que o empirismo acredita na evidência de seus sentidos.

O “construtivismo” deriva da noção sociológica da “construção social” do que conhecemos, isto é, que nós passamos a acreditar em coisas através de nossa interação com outros indivíduos, e através dos mecanismos para a transferência do conhecimento (escolas, universidades, etc) estabelecidos por uma sociedade.

Na verdade, o artigo da Wikipedia não é realmente completo (dada à velocidade em que novas posições sobre o conceito de “conhecimento” surgem, é difícil manter-se sempre a par). Podemos acrescentar: [...] “pragmatismo”, a idéia que o conhecimento é determinado pela sua utilidade: a verdade de algo depende de as conseqüências nos serem úteis por um período de tempo.

Hjørland, educador dinamarquês da área de Ciência da Informação e Biblioteconomia, que tem escrito muito sobre a dimensão epistemológica deste campo científico, identifica quatro principais escolas do pensamento epistemológico: empirismo, racionalismo, pragmatismo – que vimos anteriormente – e historicismo (HJØRLAND, 2005). Em seu texto que explora essas escolas, ao menos até certo ponto, (HJØRLAND, 2002), apresenta uma tabela que expõe as escolas e quais são os critérios relevantes para julgar “conhecimento” e como as escolas interagem em termos daquilo a que dão prioridade.

Empirismo	Racionalismo	Historicismo	Pragmatismo
<p>Relevante: Observações, dados dos sentidos. Indução a partir da coleta de dados observacionais. Dados intersubjetivamente controlados</p> <p>Não-relevante: Especulações, conhecimento transmitido por autoridades. “Conhecimento de livro” (“ler a natureza, não livros”). Dados sobre suposições e pré-compreensão pelos observadores.</p>	<p>Relevante: Pensamento puro, lógica, modelos matemáticos, modelos computacionais, sistemas de axiomas, definições, teoremas.</p> <p>Pouca prioridade é dada aos dados empíricos, pois tais dados devem ser organizados de acordo com princípios que não podem vir da experiência.</p>	<p>Relevante: Conhecimento prévio sobre pré-compreensão, teorias, conceitos, contextos, desenvolvimentos históricos e perspectivas evolucionárias.</p> <p>Pouca prioridade é dada a dados descontextualizados a partir dos quais os significados não podem ser interpretados. Dados intersubjetivamente controlados são freqüentemente vistos como insignificantes.</p>	<p>Relevante: Informações sobre objetivos e valores e conseqüências envolvendo não apenas o pesquisador, mas também o objeto da pesquisa (sujeito e objeto).</p> <p>Pouca prioridade (ou desconfiança indiscutível) é dada a valores ou informações neutros. Por exemplo, a epistemologia feminista desconfia da neutralidade das informações produzidas em uma sociedade predominantemente masculina.</p>

Figura 1: Critérios de Relevância para as Quatro Escolas Epistemológicas.
Fonte: Hjørland – 2002.

Visto que uma das definições de “epistemologia” é aquela que consiste de debates sobre a natureza do conhecimento, não nos surpreendemos ao descobrir que as cinco escolas às quais nós chegamos não abordam exaustivamente as possibilidades! Outros escritores propõem outras classificações de epistemologias e, até certo ponto, usam termos diferentes para conjuntos de idéias muito semelhantes. Desse modo, encontramos “idealismo”, “realismo”, “convencionalismo” (ou relativismo pós-moderno), “realismo Marxista”, e outros. Entretanto, fiquemos satisfeitos com o que temos e concluamos que “epistemologia” não é um conceito simples: como sabemos o que é verdadeiro, como chegamos ao “conhecimento” de nosso mundo e de nós mesmo, é realmente o problema fundamental da Filosofia e da Filosofia da Ciência, e não é surpreendente que existam muitos pontos de vista. Defensores de qualquer ponto de vista sustentarão veementemente sua opinião e apontarão as falhas dos outros.

2 A RELEVÂNCIA DA EPISTEMOLOGIA PARA A PRÁTICA DA INFORMAÇÃO

No mundo da prática da informação (a qual eu quero dizer a entrega de um serviço de informação de qualquer tipo, seja pessoalmente ou no ambiente *Web*), a relevância da epistemologia não é imediatamente óbvia. É claro, no entanto, que um conhecimento da base epistemológica da informação a ser organizada pode ser um assunto sério e o livro de Hjørland (1997) sobre *Information seeking and subject representation* (Busca de informação e representação do sujeito) apresenta argumentos importantes para aqueles que catalogam, indexam e organizam materiais para uso, estando cientes das diferenças epistemológicas. Essas diferenças, na visão de Hjørland, criam domínios diferentes dentro de um assunto. Dessa forma, uma posição epistemológica marxista em, digamos, Sociologia, resultará em um exame muito diferente do conceito de classe social, daquele apresentado por um defensor do construtivismo social. Como resultado, a literatura se forma em torno, não apenas da disciplina e dos problemas dessa disciplina, mas também em torno das posições epistemológicas dos estudiosos envolvidos.

Hjørland (2002) ilustra a noção de domínios pela referência a diferentes escolas no campo da Psicologia, identificando as escolas cognitivas, behavioristas, psicanalíticas e neurocientíficas e ligando-as a diferenças epistemológicas fundamentais. Qual é a relevância disso para o profissional da informação? Hjørland mostra que as diferentes escolas têm variado em importância ao longo do tempo, como o declínio da escola behaviorista e crescimento da cognitiva, e que as escolas têm seus próprios periódicos. Ele cita Robins et al. (1999):

Principais Periódicos Behavioristas:

- Journal of the Experimental Analysis of Behavior 1958–.
- Behaviour Research and Therapy 1963–.
- Journal of Applied Behavior Analysis 1968–.
- Behavior Therapy 1970–.

Principais Periódicos Cognitivistas:

- Cognitive Psychology 1970–.
- Cognition 1972–.
- Memory & Cognition 1973–.
- Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition 1975–.

Principais Periódicos Neurocientíficos:

- Journal of Neurophysiology 1938–.
- Annual Review of Neuroscience 1978–.
- Trends in Neurosciences 1978–.
- Journal of Neuroscience 1981–.

Principais Periódicos Psicoanalíticos:

- International Journal of Psychoanalysis, 1920–.
- Psychoanalytic Quarterly, 1932–.
- Journal of the American Psychoanalytic Association, 1953–.
- Contemporary Psychoanalysis, 1964–.

Figura 2: Principais Periódicos das Diferentes Escolas de Psicologia.

Fonte: Hjørland – 2002.

Claramente, qualquer profissional da informação que oferece serviços a pesquisadores da área de Psicologia, precisa ter este tipo de conhecimento para oferecer um serviço eficaz.

E quanto à posição epistemológica do profissional da prática? É importante ter sua própria visão da realidade com o intuito de oferecer um serviço de informação eficaz? Para responder, retorno a um pequeno panfleto produzido por um conhecido bibliotecário britânico, D. J. Foskett, intitulado *The Creed of a Librarian: no politics, no religion, no morals (1962)* (*O credo de um bibliotecário: apolítico, amoral, não-religioso*), o subtítulo nos revela a crença do bibliotecário defendida por Foskett. A tarefa do profissional é mediar entre o indivíduo que busca informações e o universo dos recursos de informação e, segundo Foskett, isso deveria ser feito independentemente de suas próprias posições políticas, religiosas ou morais. Não que devamos nos destituir de convicções políticas, religiosas ou morais, mas o fato é que não temos o direito de impor nossa *própria* visão de mundo sobre os outros. Foskett argumentava que o bibliotecário não necessita de uma posição filosófica, mas sim de uma posição de caráter ético muito mais do que epistemológico. Na verdade, poderíamos argumentar que embora um conhecimento de pontos de vista epistemológicos pode ser útil para nos ajudar a organizar eficazmente os recursos para uso, assim como não deveria haver política, religião e moral, do mesmo modo, não deveria haver epistemologia: qualquer que seja a nossa visão da realidade, não temos direito de impor esta visão aos outros, muito menos ao usuário da informação que está engajado em sua própria busca de compreensão de algum aspecto do mundo ou das relações sociais dentro do mundo.

Recorremos a outro autor, Jesse Shera (1952) para uma análise epistemológica da Biblioteconomia, embora, na verdade, Furner (2004) tenha apontado que a co-autora de Shera, Margaret Egan, possa ter tido mais responsabilidade pelo desenvolvimento do conceito e que Shera tenha dado a propriedade da idéia a ela. Qualquer que seja a origem, no entanto, a “epistemologia social” foi proposta como a posição epistemológica apropriada para a Biblioteconomia ou, no mínimo, nos termos do título da bibliografia.

Egan e Shera viam a epistemologia social como “a produção, distribuição e utilização dos produtos intelectuais”, e Shera mais tarde contrastou a epistemologia social no que diz respeito ao conhecimento na sociedade, muito mais do que conhecimento no indivíduo. Um verbete na Wikipedia apresenta:

Furner (2004) lista as seguintes contribuições feitas em “Fundamentos de uma Teoria da Bibliografia”:

- Estabelecer “ação social informada” como o objetivo do serviço de biblioteconomia.
- Estabelecer a extensão a que a biblioteconomia contribui para atingir esse objetivo como “o principal critério pelo qual [os serviços bibliográficos] podem ser avaliados”.
- Oferecer “uma estrutura teórica [...] para o estudo do comportamento de busca de informação, organização do conhecimento, e bibliometria”, que é então tratada como “um fundamento teórico para a biblioteconomia e a ciência da informação”.
- Usar o termo “epistemologia social” nesse contexto pela primeira vez.

Egan e Shera, contudo, propõem que epistemologia social é o estudo da formação e organização do conhecimento na sociedade e que o papel do bibliotecário é apoiar e auxiliar essa formação e organização e, em especial, desempenhar um papel importante no último.

Podemos ver que o conceito de “epistemologia social” não requer que o profissional da informação adote um ponto de vista epistemológico específico da natureza do conhecimento ou os critérios pelos quais a verdade pode ser determinada. O profissional da informação precisa somente *agir* para apoiar o desenvolvimento do conhecimento na sociedade. Para assim fazê-lo, é evidente que o bibliotecário deve ter seu próprio conhecimento de como avaliar as fontes de informação, levar o usuário aos recursos que são mais úteis e mais apropriados no seu ponto de vista epistemológico, porém a preocupação não é com a *verdade* da

informação, mas se os padrões adequados de qualidade foram aplicados em sua produção e disseminação.

Hoje, podemos ver a necessidade disso para filtrar a grande quantidade de informações oriundas da *Web* e extrair as que são fidedignas: agora existem livros inteiros que tratam desse assunto (por exemplo, Alexander e Tate, 1999) e McInery e Bird (2005) produziram uma ferramenta que pode ser usada para avaliar a qualidade do *Website*. Para avaliar a “fidedignidade”, por exemplo, eles sugerem que os seguintes itens devem ser observados:

Autoridade:

- O autor é claramente identificado com histórico, currículo ou biografia?
- Estão disponíveis informações para contato, como endereço postal, telefone e endereço eletrônico?
- O endereço eletrônico está disponível como link para acesso fácil?
- Qual é o tipo de domínio do patrocinador?
- O patrocinador está tentando vender alguma coisa ou advogar uma causa? (vender e advogar não são características necessariamente negativas, mas ambas as atividades devem ser claramente declaradas).

Vimos algumas das dimensões da epistemologia social no trabalho, ou seja, o tipo de domínio do patrocinador nos diz algo sobre a independência do trabalho; por exemplo, as informações de um domínio educacional (.edu ou ac.uk) têm mais chances de serem fidedignas do que, digamos, as de uma *home page* não acadêmica. Novamente, vender e advogar são fenômenos sociais que podem afetar a fidedignidade da fonte, e o profissional da informação precisa estar ciente das potenciais fontes tendenciosas.

3 A RELEVÂNCIA DA EPISTEMOLOGIA PARA A PESQUISA E EDUCAÇÃO EM INFORMAÇÃO

Uma vez compreendida a relevância da epistemologia em relação à prática da informação, sua relevância para a pesquisa e ensino na área é razoavelmente óbvia.

O pesquisador da informação precisa ter um ponto de vista epistemológico particular – uma estrutura para apoiar sua pesquisa, um indicador do tipo de comunidade de pesquisa em que se sentirá confortável, um ponto de referência que permitirá ao pesquisador e a outros indivíduos identificar a natureza da pesquisa e a

pesquisa potencialmente relevante realizada por outros. Pesquisa sem uma posição epistemológica é impensável: um pesquisador pode não ter conscientemente compreendido o que seria essa posição, mas como resultado do modo como a pesquisa é realizada, a posição epistemológica ficará evidente aos outros.

Assim, um pesquisador que emprega questionários para coletar dados para análise estatística, ou um profissional que desenvolve estudos bibliométricos e que coleta citações ou usa dados, está trabalhando sob uma epistemologia empirista, visto que claramente acredita que os dados se constituem de alguma forma, em um reflexo quantitativo de um mundo “real”, além de si mesmos.

Por outro lado, tal posição seria anátema de um construtivismo social, realizando trabalho usando entrevistas prolongadas semi-estruturadas ou desestruturadas e buscando registrar como os entrevistados percebem os fenômenos sob investigação e qual significado relacionam aos constituintes desses fenômenos. Isso é epistemologia *construtivista*.

Importa, em termos dos resultados obtidos, qual posição epistemológica é adotada? Bem, as diferentes partes possivelmente debaterão perpetuamente sobre qual compreensão da “realidade” é correta. O construtivista argumentará que eventos, atividades etc., são socialmente construídos, enquanto que o empirista responderá que mesmo se tais eventos são socialmente construídos, sua ocorrência e regularidade, sua composição e seus efeitos podem ser *medidos*. Há raramente um encontro de pensamentos sobre este assunto e a noção que o mundo e seus conteúdos podem ser, ao mesmo tempo, não apenas “reais”, mas também mensuráveis, parece estar além da imaginação de muitos. Barreiras artificiais entre diferentes formas de conhecimento são construídas – e, é claro, são socialmente construídas.

Concluamos, portanto, que uma posição epistemológica na pesquisa não é apenas necessária, mas inevitável. E eu não penso que importa muito qual posição epistemológica seja adotada, desde que se tenha uma, e o pesquisador esteja contente com as “regras do jogo” que acompanham tal posição. Dada a distribuição das epistemologias, sempre se encontrará pesquisadores que compartilhem da mesma visão.

Se passarmos, então, da pesquisa ao ensino, a questão será: Como abordaremos a questão da epistemologia enquanto preparamos os estudantes para o mundo do trabalho da informação? Há duas respostas para isso: uma está relacionada àqueles estudantes cuja intenção é se tornarem profissionais da prática; a outra é para aqueles que pretendem seguir uma carreira de pesquisa após o doutorado.

O primeiro grupo claramente precisa estar ciente da questão da epistemologia: sua relevância primeiramente para seus estudos de métodos de pesquisa, os quais todos os estudantes devem adotar e, segundo, para a prática em bibliotecas e serviços de informação. Tem relevância para o estudo de métodos de pesquisa, visto que os capacitará a entender como posições epistemológicas diferentes determinam a escolha de problemas e a apresentação de resultados de pesquisa. E isso tem relevância para a sua prática, visto que os capacitará a rever pesquisa de informação criticamente ao avaliar o que é útil para a prática. A “paisagem” epistemológica é também relevante para a prática, e embora o profissional não deva ser tendencioso quanto a uma posição epistemológica particular (como mencionado anteriormente), deve estar ciente das diferenças de modo a identificar: a) a localização, na paisagem, do indivíduo que busca informação; e b) quais recursos de informação podem ser apropriados para a posição epistemológica do usuário da informação e quais recursos abordam o problema a partir de uma perspectiva que é contrária ao usuário.

Para o doutorando pretendendo uma carreira docente e de pesquisa, a situação é um desenvolvimento do primeiro argumento: no nível de doutorado, os estudos sobre epistemologia servem ao propósito de sensibilizar o estudante sobre a gama de possibilidades e ajudá-lo a avaliar materiais de pesquisa, mas também, capacitar o estudante para encontrar sua própria posição epistemológica.

A partir daqui, precisamos compreender o papel do acadêmico em desenvolver o potencial de pesquisa do estudante. Aqui, eu sustentaria que o professor precisa ser tão “epistemologicamente cego” quanto o profissional da prática e por motivos semelhantes: qualquer pesquisador deve encontrar sua própria posição epistemológica. Inevitavelmente, é claro, os doutorandos são influenciados pelo trabalho que os cerca e, em relação a métodos de pesquisa, pelas

predisposições de seus professores e orientadores de métodos de pesquisa. No entanto, eu fortemente defendo o ponto de vista que os doutorandos precisam ser competentes em uma gama de métodos de pesquisa e que implica em um desejo de engajar-se em diferentes posições epistemológicas. Não creio ser correto formar estudantes somente dentro de uma vertente epistemológica dominante em um determinado departamento. Todos os estudantes precisam compreender os diferentes fundamentos epistemológicos dos métodos de pesquisa, precisam ser competentes em técnicas estatísticas até o nível da análise multivariada, e competentes em métodos interpretativos com análise de conteúdo e abordagens da “grounded theory” para a análise de dados de entrevista. Precisam saber usar tanto o SPSS quanto o Atlas/Ti ou outro *software* de análise qualitativa.

É também evidente que a epistemologia é significativa para o teste da teoria, bem como para o desenvolvimento da teoria, se estamos desenvolvendo hipóteses sobre relações de causa e efeito entre variáveis então, inevitavelmente, estamos adotando uma posição empirista.

Claramente, isso coloca exigências especiais sobre o departamento de Ciência da Informação em uma universidade. O departamento pode não ter pessoas competentes ou confortáveis com um ou outro método de pesquisa. Elas podem estar mais contentes com análise estatística do que com qualitativa ou vice-versa. Nessa situação, ajuda externa será solicitada e, por exemplo, talvez os estudantes precisem fazer um curso de estatística em um departamento de Psicologia, que seja especializado em Psicologia Experimental, ou um curso de análise qualitativa em um departamento de ensino, em que abordagens construtivistas são comuns.

CONCLUSÃO

“Epistemologia” é um tópico filosófico que tem a ver com a nossa compreensão de como o “conhecimento” é desenvolvido nas pessoas, e o que acreditamos ser “verdadeiro” sobre o mundo. Nenhum estudioso pode trabalhar sem uma base epistemológica sobre a qual construir suas estruturas de pesquisa. Parece razoável, portanto, levantar uma questão que, imagino eu, desejem perguntar. “Bem, Professor Wilson, qual é a *sua* epistemologia?” Ótima pergunta!

Não se trata de uma pergunta fácil de responder, porém tentarei.

Fundamentalmente, penso que sou um empirista: em outras palavras, acredito que existam fenômenos objetivos no mundo físico – este microfone, esta mesa de leitura, este *laptop* e aquele projetor, suas cadeiras, as luzes desta sala, são sem sombra de dúvida (pelo menos para mim), fenômenos objetivos. Posso contá-los, posso analisá-los e, em alguns casos, separá-los e juntá-los novamente. No mundo exterior há outros objetos reais, aves, animais, plantas e outros seres humanos (como os deste auditório): posso contá-los também e monitorar seus hábitos e comportamento, medir sua altura e peso e mostrar que o índice de massa corporal médio das pessoas nesta sala é 23,8 (ou qualquer outro).

Certamente, muitas destas coisas – o *laptop*, as cadeiras, a mesa de leitura, as luzes – foram construídos através de alguma organização social: a fábrica, a oficina, o ateliê, em que as pessoas se reúnem para desenhar e construir os objetos. O *design* é socialmente construído, mas a coisa em si mesma tem uma realidade além do desenho, e muitas coisas são usadas com finalidades para os quais nunca foram desenhadas – pense no domador de leões com seu chicote e sua cadeira.

Também, os nomes das coisas são construções sociais, às vezes formais, como quando taxonomistas se reúnem para determinar os nomes de novas espécies; às vezes informal, como deve ter sido o caso quando nomes comuns eram adotados para algumas plantas. Por acordo taxonômico, temos o gênero *impatiens*, mas esta variedade de planta é conhecida como Busy Lizzie, Não-me-toques, Jewelweed, Belenes, Chinos, Gachupina, Alegria da Casa e Maria-sem-vergonha em diferentes partes do mundo. Dessa forma, o mundo é *definido* socialmente, mas essas definições sociais não significam que as coisas em si mesmas não tenham realidade além de sua cultura de definição.

É claro, também, que as relações sociais são socialmente construídas: a família, os pares, os colegas de escola, o time de futebol e as relações entre seus membros são construções sociais que significam coisas diferentes para pessoas diferentes. Entretanto, podemos estudar estas construções sociais empiricamente: se conhecermos as variedades de comportamento em um grupo ou nos mesmos tipos de grupos em diferentes lugares poderemos explorar as regularidades e irregularidades de tal comportamento. As crianças lêem: elas lêem algo que seus

professores mandaram, trocam idéias sobre o que ler entre si, descobrem livros por si mesmas quando exploram a biblioteca – ler é uma atividade socialmente construída, mas isso não nos impede de coletar informações de, digamos, mil crianças sobre o que estão lendo no momento, como elas selecionaram um livro em especial, o que apreciam nele, e assim por diante. Podemos realizar uma investigação empírica que revelará o que é popular entre as crianças naquele momento, como elas obtêm seus livros e o que lhes dá prazer em uma história. Se guardarmos nossa amostra para revê-las ano após ano, teremos um estudo longitudinal que revelará como os hábitos de leitura mudam com o tempo, quais temas sempre são prazerosos, o que desaparece quando a adolescência surge.

Em outras palavras, acredito que se soubermos o suficiente sobre o que queremos saber, podemos explorar os fenômenos empiricamente, mas ao mesmo tempo, eu me definiria como *fenomenologista* e fenomenologia está na raiz do construtivismo social. Eu me defino desse modo porque acredito que, para adquirirmos um profundo entendimento dos fenômenos sociais e dos atores sociais, devemos procurar entender como o *significado* é criado em espaços sociais e por indivíduos que refletem sobre o mundo. Para fazê-lo, precisamos estar envolvidos com pessoas em entrevistas prolongadas, tentando descobrir como elas percebem eventos e fenômenos, qual importância lhes dão, quais são as fontes de problemas e como chegar às soluções.

Adoto esses dois pontos de vista, aparentemente contraditórios, porque para realizarmos pesquisas empiristas, precisamos de uma clara compreensão dos fenômenos a serem investigados e as abordagens interpretativas nos dão essa compreensão.

É difícil para os estudantes entenderem, é claro, que não existe uma única posição epistemológica correta para todas as coisas, nenhum caminho único e absolutamente certo para chegar à verdade. Mesmo as proposições da ciência física são simplesmente conclusões *temporárias*. Nenhuma teoria pode ser considerada absolutamente verdadeira para sempre, ela somente existe como um conjunto de idéias que funcionam, mas que aguardam *refutação*. Algumas teorias persistem por séculos antes de serem rejeitadas como resultado de novas descobertas, algumas são muito transitórias e são dominantes por um ano ou dois e então desaparecem.

Se esse é o caso das Ciências Físicas, em que podemos investigar a estrutura das coisas ao nível subatômico, quanto mais possível é nas Ciências Sociais, em que temos nosso lar, em que os fenômenos sob investigação estão constantemente mudando como resultado das mudanças subjacentes ao comportamento humano, à política, à economia e às ferramentas tecnológicas?

Em uma nota mais simples e, para concluir, vamos observar contrastando visões epistemológicas do mesmo fenômeno:

Um engenheiro, um físico experimental, um físico teórico e um filósofo estavam caminhando pelas colinas da Escócia. Chegando ao topo de uma colina, eles avistam, no topo da próxima, uma ovelha negra. O engenheiro diz: "Vejam, as ovelhas da Escócia são negras". "Bem, *algumas* ovelhas da Escócia são negras", responde o físico experimental. O físico teórico considera isso por um momento e diz: "Bem, ao menos uma das ovelhas da Escócia é negra". "Bem," responde o filósofo, "por um lado, de qualquer modo".

e, finalmente, uma reflexão sobre os perigos da epistemologia:

Descartes está sentado em um bar, tomando uma bebida. O atendente lhe pergunta se gostaria de outra. "Acho que não", ele diz e desaparece em uma nuvem de lógica.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, J. E.; TATE, M.A. **Web wisdom**: how to evaluate and create information quality on the Web. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1999.

EGAN, M. E.; SHERA, J. H. Foundations of a theory of bibliography. **Library Quarterly**, v.22, n.2, p.125-137, 1952.

FOSKETT, D. J. **The creed of the librarian**: no politics, no religion, no morals. London: Library Association, 1962.

FURNER, J. A brilliant mind: Margaret Egan and social epistemology. **Library Trends**, v.52, n.4, p.792-809, 2004.

HJØRLAND, B. **Information seeking and subject representation**. Westport (CT): Greenwood Press, 1997.

HJØRLAND, B. Epistemology and the socio-cognitive perspective in information science. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v.53, n.4, p.257-270, 2002.

HJØRLAND, B. Epistemologies. In: HJØRLAND, B.; NICOLAISEN, J. (Eds.). **The epistemological lifeboat**. 2005. Available in: <<http://www.db.dk/jni/lifeboat/info.asp?subjectid=76>>.

MCINERNEY, C.; BIRD, N. Assessing website quality in context: retrieving information about genetically modified food on the Web. **Information Research**, v.10, n.2, paper 213, 2004. Available in: <<http://informationr.net/ir/10-2/paper213.html>>.

ROBINS, R. W.; GOSLING, S. D.; CRAIK, K. H. An empirical analysis of trends in psychology. **American Psychologist**, v.54, n.2, p.117-128, 1999.

SCHLIPP, P. A. **Albert Einstein, philosopher-scientist**. New York: Tudor Publishers, 1949.

WIKIPEDIA. **Margaret Elizabeth Egan**. 2006. Available in: <http://en.wikipedia.org/wiki/Margaret_Elizabeth_Egan>.

Thomas Daniel Wilson
Professor Emeritus
University of Sheffield
England
e-mail: t.d.wilson@shef.ac.uk
URL: <http://informationr.net/tdw/>

¹ **Nota:** Conferência de abertura do VII Encontro Asociación de Educadores e Investigadores de Bibliotecología, Archivología, Ciencias de la Información y Documentación de Iberoamérica y el Caribe – VII EDIBCIC, realizada no dia 22 de novembro de 2006, na cidade de Marília, estado de São Paulo, Brasil.